

A BARCA DOS AMANTES: MITO E HISTÓRIA

Letícia Malard

Resumo

Focalização do romance *A barca dos amantes*, de Antônio Barreto, enquanto ultrapasse literário das finalidades com que foi elaborado: celebração, conhecimento e lazer institucionalizados.

Sumario

Análisis de la novela *A barca dos amantes*, de Antônio Barreto, en su condición de ultrapase literario de los fines para los cuales ha sido escrita: celebración, conocimiento e recreación institucionalizados.

1. A gênese do romance

No primeiro texto introdutório do romance, intitulado de «Órfãos do mar», declara Antônio Barreto:

«Enfim, eis aí a «estória», a biografia romanceada, transcrita, transcriada, ou adaptada, principalmente para a pesquisa e o lazer dos escolares de nível médio; ou nossa interpretação livre da bellíssima «Lenda da Barca dos Amantes», como quiserem.» (Barreto, A. 1990, 14.)

Essa declaração aponta para duas vertentes que conduzem à origem e finalidade do romance de Barreto: O pragmatismo didático-pedagógico e a interpretação de uma lenda escandinava, a que o escritor qualifica de *bellíssima*. O texto une, dessa forma, o útil ao agradável, também em dois níveis: os colegiais irão utilizá-lo para pesquisa (histórica, evidentemente, tomando-se a literatura como fonte de conhecimento) e para o lazer (leitura de uma narrativa que tematiza centralmente, e em sua camada superficial, uma estória de amor infeliz, na linha tradicional de Romeu e Julieta.)

Por outro lado, Barreto não se contenta com produzir uma literatura de encomenda, apenas: lembre-se de que o livro faz parte de um projeto da Editora Lê, que convidou alguns intelectuais para escreverem literatura baseada em fatos históricos, aproveitando-se do *boom* mercadológico do novo romance histórico, inaugurado no Brasil com o *Boca do Inferno*, de Ana Miranda (1989), que alcançou retumbante sucesso editorial. A Editora financiou pesquisas, estabeleceu prazos e lançou no mercado romances que, dialogando com a história factual, buscaram recuperar a história e a memória de Minas Gerais do Século XVIII.

Dizíamos que Barreto não se contentou com a limitação de fazer literatura utilitária e sob encomenda. Fugindo à linearidade típica desse tipo de texto, o escritor trabalhou a mitologia do mais famoso par romântico da história da literatura brasileira (Dirceu e Marília) adicionando-lhe ingredientes míticos da Europa Nórdica, ou, mais precisamente, uma das lendas mais conhecidas do imaginário daquela região. A versão com que trabalha Barreto vem estampada antes do Sumário, funcionando como um pré-texto do romance: Magnor, a Sereia do Amor Eterno, que não era peixe porque sabia fiar, nem era mulher porque podia viver na água, viveu em Haarlem até morrer. Depois de enterrada, tomou a forma de um barco o qual, quando se move, provoca os terremotos. Esse barco-dos-terremotos é uma arraia de 5 mil milhas que carrega a Escandinávia nas costas. Quando a arraia-barco navega de Oeste a Leste, leva a Arca da Infância Perdida até à Bruma da Loucura. Quando navega de Sul para Norte, carrega o Baú dos Remorsos até ao Mar de Mármore. Smogen era o amado de Magnor, a qual o expulsa de seu coração, escondendo dele os seus sonhos na barca dos amantes, tão pequena que cabia na íris de uma enguia anã. Smogen, enciumado, faz naufragar todos os barcos. Moral

da fábula: enquanto o amor durar, as pessoas devem guardar seus sonhos na Barca dos Amantes. Quando o amor acabar, a barca deve ser lançada ao mar para que os deuses transportem os sonhos que um não revelou ao outro.

A versão da lenda, num discurso ilógico e hermético sob certos aspectos, aparentemente não dialoga com o amor infeliz de Gonzaga e Dorotéia. Entretanto, Barreto puxa-lhe fios que vão enredando-se no decorrer da narrativa, estabelecendo-se contrapontos e, com isso, criando-se uma leitura original e poética do amor entre o ouvidor e a adolescente, e da Inconfidência Mineira.

Dessa maneira, Barreto trabalha basicamente 03 pré-textos: a lenda nórdica - responsável pelo caráter intertextual literário do romance; os textos históricos sobre Gonzaga e sobre a Inconfidência - que respondem pela intertextualidade da verossimilhança, pela vertente do romance histórico e, conseqüentemente, cumpridor da utilidade anunciada numa espécie de Prefácio (pesquisa de alunos de nível médio); e, finalmente, o terceiro pré-texto: os versos de Tomás Antônio Gonzaga, especialmente os psicografados, indiciando ser o romance também uma espécie de ensaio, leitura romanceada de textos literários «naturais» e sobrenaturais. *A barca dos amantes* pode ser lido, portanto, como interpretação de um mito arquetípico, deslocado do Norte para o Sul do Planeta; como releitura da Inconfidência ou, se se prefere, memória histórica de Minas Gerais; como estória de amor, ratificando as origens burguesas da espécie romanesca, com um pé no real e outro na imaginação; e como ensaio histórico-literário, com Notas e Bibliografia. Pesquisa, análise, interpretação e literarização, da parte do produtor, com o objetivo final de proporcionar pesquisa e lazer para os adolescentes dentro da instituição escolar. Esse objetivo foi de muito ultrapassado. A narrativa de Barreto consiste no que há de melhor no gênero escrito em Minas Gerais nos últimos anos.

2. Os sambaquis da História

Em «Leituras e releituras da Inconfidência Mineira», Maria Efigênci Lage de Resende revela como esse movimento político é tema imbricado na questão da formação da nacionalidade e, por isso, apropriado pelo Estado no desejo de difusão e homogeneização de seu projeto nacional. A questão do Estado

se relaciona à leitura que se quer difundir da História do Brasil. Resende mostra como essa leitura é feita em diferentes versões, da Monarquia ao final da década de 1920. Assim, a leitura neocolonialista de Varnhagen, o primeiro historiador da *Inconfidência*, norteia-se por um patriotismo sem ódio aos portugueses e à Europa, e não oferece espaço para resgatar o confronto entre Liberalismo e Absolutismo Monárquico. Para o historiador, o Movimento não passa de uma «*cabeçada, um conluio*».

A seguir, veio a leitura de Sousa e Silva (1860), a primeira baseada nos *Autos de Devassa*, mas pautada pela ideologia do Estado Imperial. Chega a afirmar que os inconfidentes eram republicanos porque faltava quem cingisse a coroa americana. E, se malograram, foi porque a hora da independência ainda não havia chegado. Tiradentes é visto somente pelo ângulo dos defeitos, pois estes é que interessavam à elite imperial. Nos anos que precederam a República, em cujos pilares estão os militares, os grandes vitoriosos da Guerra do Paraguai, delineiam-se os traços de construção do herói Tiradentes. Ressalta-se agora a figura do militar, do alferes, no roteiro da proclamação da República por um militar, marechal que abriu caminho para a constituição de heroicidade republicana. (Resende, M.E.L.: 1989, 14-8)

Foi como herói republicano que Tiradentes passou pelas duas ditaduras militares (1939 e 1964), como salvador da Pátria, figurado tal novo Cristo, de cabelos e barbas longos, túnica branca e corda no pescoço, numa mixagem de Jesus e Judas. Na década de 1980 assiste-se a novas e independentes leituras da *Inconfidência* e de seus envolvidos. Torna-se até possível que, em 1988, se traduza, e se divulgue no Brasil e em Portugal, o romance *Tiradentes*, do russo O. Ignatiev, escrito em 1966 e prefaciado por Jorge Amado, mas publicado em Moscou. Nos termos da melhor doutrina marxista-leninista, o herói é visto como homem com sede de sabedoria, que gastava o tempo livre para aperfeiçoar sua instrução, e até tomava aulas particulares de latim e de francês. É pintado também como figura querida de todos - ricos e pobres - a quem ajudava sem interesses financeiros. E arremata Ignatiev: «*Se Tiradentes possuísse outro caráter, poderia ter-se rapidamente tornado um homem rico. (...) Mas Tiradentes não ajudava as pessoas para ficar rico*» (p. 15). Essa visão anticapitalista incide também sobre o fim da vida de Gonzaga,

criticado por ter morrido em Moçambique, «*rodeado pela família como um burguês respeitado.*» (p. 178).

No bojo do revisionismo histórico sobre a Inconfidência, surge o novo retrato de Tiradentes, sem barba e com a farda que provavelmente usaria na época, na condição de atual Patrono da Polícia Militar de Minas Gerais. A História começa, assim, a despir-se de seu mitos, aproximando-se da ciência pelo resgate documental. Ela, a História, é retomada pela Literatura, em releituras marcadas pelas liberdades democráticas, afastados os fantasmas da censura. Sob essa ótica, presenciamos as comemorações do bicentenário da Inconfidência Mineira. A comissão de notáveis encarregada de promovê-las, convivendo na pluralidade ideológica, não lhes imprimiu conscientemente um caráter de projeto nacional, talvez porque este não mais exista. A propalada falta de recursos financeiros serviu de máscara. Em contrapartida, mitifica-se a desestatização indiscriminada como verdadeira salvadora da pátria: O Estado que, historicamente em épocas de democracia ou de ditadura, sempre teve algum projeto formador de opinião sobre fatos históricos da nacionalidade, projeto difundido e homogeneizado, transfere este para a iniciativa privada - a Editora.

Dessa feita, e não estou entrando no mérito, a Inconfidência é apropriada pelos difusores de cultura literária no mercado: a Lê paga a Barreto e a outros para pesquisarem e escreverem literatura sobre o assunto e sua periferia, visando sobretudo ao consumo escolar. E, para que o assunto interesse, sem riscos, ao consumidor prioritário, ele deve estar tão próximo quanto possível daqueles tematizados pela mídia televisiva (a novela, o caso especial, a mini-série etc). Daí - a vertente amorosa da Inconfidência, do século XVIII, passando sua personagem central para segundo plano, uma vez que ela não oferece registro de casos amorosos celebrados nem pela poesia nem pelo imaginário popular. Se, no início da República, a juventude é educada pelo Estado sob o lema «ordem e progresso», «luta e progresso», agora o é pela literatura sob o lema do amor, da Fraternidade, do Paternalismo confundido com o Patrialismo (vejam-se as Campanhas: da Fraternidade, Contra a Fome, Adote um Menino de Rua, Amor sem Aids, Comunidade Solidária etc.). É, enfim, a ideologia do amor em pleno vigor, o amor que tudo constrói/destrói: o amor humano, o fraterno, a sexualidade, o erotismo liberto, o culto do corpo sem tabus, o corpo tocado em dança imitada dos

pop-stars produzidos por multis e mídia. E, aliado a tudo isso, o equacionamento do sobrenatural não mais privativo do culto às grandes religiões ocidentais. Agora entram em cena o Oriente, o esoterismo, os espiritismos e sincretismos, a horoscopia, a bruxaria, o holismo, o vale-tudo.

Assim, o projeto nacional da desestatização atinge à leitura da História, deixada ao sabor do jogo mercadológico, concretizada na publicação de narrativas literárias encomendadas a escritores, cuja leitura será, por sua vez, «encomendada» aos estudantes no processo educacional. No caso específico da Inconfidência, a tematização do periférico, ou seja, o caso amoroso de poetas nela envolvidos, vem substituir o ensaio histórico-crítico-analítico do Movimento enquanto tal, a História enquanto ciência interpretativa do documento. A História passa a ser construída longe das vistas do historiador e não se lhe cobram critérios de verdade, mesmo porque está travestida de romance, poesia, mito, invenção derivada do conhecimento do real.

Que não se conclua de nosso discurso qualquer reprimenda à literatura assim produzida, principalmente no caso em pauta, mesmo porque *A barca dos amantes* é uma narrativa que prima pelo trabalho com a linguagem e, talvez por isso mesmo, acaba por deixar o evento histórico a ver navios, a invenção suplantando em muito o referencial. Não só o referencial da História como também o da literatura. Exemplifico: Os versos de Gonzaga são citados preferencialmente via psicografia de Marilusa Moreira Vasconcellos, ainda que da Bibliografia conste a edição de Rodrigues Lapa, cujo cânone não se discute. Sem discutir, também, o significado, o valor ou o interesse de um texto psicografado fora de seu contexto religioso, e mesmo da crença do romancista, poder-se-ia ler a sua presença no romance como um ingrediente de sucesso na mídia, o aqui-e-agora do acontecimento, do fato, a notícia. Gonzaga psicografado, sendo ou não uma fraude - pouco importa - corresponde ao poeta eterno, imortal sem academia, fonte inesgotável de inspiração amorosa, registro da memória infeliz de um povo que lutou em vão pela liberdade. Gonzaga em psicografia, espírito compondo pelo instrumento de um corpo vivo, uma mulher, publicado em 12 edições até 1987, é o passado tornando-se presente, o mito em eterno retorno, porque não vivido até o limite, o acabado, o fim: o amor incompleto, a recusa do imaginário à incompletude, ou, como diz Barreto, fechando o romance: «E o amor de quem fica,

transportando o oceano nas mãos, é muito maior que todos os deuses da água e do vento... (p.184)

A palavra sambaqui, de etimologia tupínica, que, em sentido literal, corresponde a depósitos muito antigos de conchas, restos de cozinha e de esqueletos ajuntados por comunidades primitivas na época pré-histórica, aqui está sendo utilizada em acepção metafórica, ou seja: A barca dos amantes é composta de resíduos, de ossos, de cacos de utensílios relacionados à Inconfidência Mineira, ajuntados microscopicamente por Antônio Barreto e acoplados a uma lenda do Norte Europeu. Os sambaquis são encontrados em orlas aquáticas do litoral e, internacionalmente, são designados pela palavra dinamarquesa *kijokkenmodding*. Existem, também, os chamados falsos sambaquis - montões de conchas naturais formados em épocas geológicas recentes. Por esse prisma, o romance viria a ser uma montagem, hoje, portanto um falso sambaqui, de restos de um Século das Luzes Mineiro, catados aqui e ali em dificultosa pesquisa de campo e posteriormente restaurados num objeto artístico de linguagem, único e acabado. E porque entra nessa restauração a lenda, aparentemente uma estranha nesse ninho? A sinalização da resposta está no texto do autor, que serve de Prefácio, e já referido - « Órfãos do mar.»

Essa orfandade caracteriza os mineiros, e pode ser facilmente rastreada em nossa literatura. Já analisamos a questão em texto sobre *Palmeira seca*, de Jorge Fernando dos Santos, tendo como subsídio a crônica «Minas Gerais», de Guimarães Rosa. (MALARD, L. 1994, 15- 31). Um percurso pela história colonial de Minas Gerais fará deparar-nos com a lendária Chica da Silva vendo satisfeito um de seus caprichos de amante do Contratador - o mar no Tejuco - também tematizado no romance de Paulo Amador, *Rei branco, rainha negra*. Vale citar:

«João pensou que Chica estava ficando doida de novo.
Mas Chica era firme.

- Quero o mar no Tejuco.

O contratador conhecia o temperamento da mulher.
Mandou virem engenheiros portugueses, que são os melhores do mundo nas artes da marinhagem.
Levantou muralhas de pedra e areia no Rio Grande,
puxou um braço de água, fez uma grande represa.
Vieram de Portugal armadores de navio, e escolheram

madeiras no Arraial de Baixo. Foi construído o navio que viajaria entre as margens de pedra do Rio Grande, e João tinha planos que iam além. (...)

O mar então chegou ao Tejuco. (...)

O povo fez fila, por convite de sua Rainha, e brincou de percorrer os mares do mundo. Um homem foi posto na gávea do navio, e de lá gritava quando o naviozinho abicava numa das praias artificiais mandadas fazer por João:

- Terra à vista. A cidade do Porto.» (Amador, P.: 1990. 161-2)

No texto introdutório do romance de Barreto, este fala de nossa eterna frustração, de bons mineiros que somos, de órfãos do mar. Por isso - justifica - vai buscar a lenda nórdica para servir de gancho a sua história.

A barca dos amantes, a arraia que carrega a Dinamarca no lombo, é também um sambaqui de mitos, que Barreto traz à tona para, no nível do imaginário, dar filiação aos órfãos do mar. Assim, os sambaquis da Inconfidência se transformam num romance marítimo de Minas sem mar, mar este que separa e que une uma paixão semantizada nos termos de seus códigos: a viagem de Gonzaga, no navio que o conduz ao exílio, é a arraia que conduz a Arca da Infância Perdida (suas lembranças construindo a biografia dos primeiros anos) e o Baú de Remorsos (ter posto a política acima do amor). Ao passo que Marília é a arraia azul que naufraga por séculos, todos os dias, «nos Mares de Mármore de meu próprio degredo, o meu amor.» (p. 182).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADOR, Paulo. *Rei branco, rainha negra*. Belo Horizonte: Lê, 1990.

BARRETO, Antônio. *A barca dos amantes*. Belo Horizonte: Lê, 1990.

IGNATIEV, O. *Tiradentes*. Trad. José Milhazes Pinto. Mocovo: Progresso, 1988.

MALARD, Leticia. *Memória e História em Palmeira seca*, de Jorge Fernando dos Santos. A ficção mineira hoje: Palmeira seca. Cadernos de Pesquisa - NAPq./FALE/UFMG, n. 14, jan. 1994. p. 15-31.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. Leituras e releituras da Inconfidência Mineira. Minas Gerais. *Suplemento Literário*. Ano XXII, N. 1.125. 1 jul. 1989. p. 14-8.